

DITONGO CRESCENTE OU HIATO? UMA QUESTÃO DE VARIAÇÃO

Elza Maria D'ATHAYDE (Universidade da Região da Campanha-RS)

ABSTRACT: *This paper presents a study about rising diphthongs and hiatus according to the traditional grammar perspective and according to phonological theory perspective. Linguistic theory does not consider the existence of rising diphthongs in Brazilian Portuguese. Traditional grammar follows different criteria in categorizing them, but it admits variation among such vowels sequences.*

KEYWORDS: *rising diphthong; hiatus; variation.*

0. Introdução - Professores de língua portuguesa, no desempenho de seu trabalho de docência, deparam-se, na abordagem da Fonética e da Fonologia, com um conteúdo que, entre tantos outros, apresenta controvérsias: a classificação dos encontros vocálicos em ditongos, tritongos e hiatos. Nesse contexto, surge um problema que entendo seja mais complexo: especificamente a distinção entre ditongo crescente e hiato, tarefa nada fácil tanto para professores quanto para alunos, em qualquer nível de ensino.

Sabe-se que a Gramática Tradicional (GT) e a Lingüística têm perspectivas diferentes quanto ao estudo dos fatos da língua. A gramática tradicional, por sua característica normativa, propõe-se fornecer regras ao usuário da língua para expressar-se “corretamente”, na escrita, na variedade língua padrão, institucionalizada como a “mais correta” em detrimento de outras variedades não-padrão, consideradas, por isso, inferiores. Ignora, muitas vezes, a oralidade responsável pelas variações de pronúncia, tomada como relevante para os fonólogos. Esquecem-se os gramáticos tradicionais de que a língua não é um código simples, único, usado da mesma forma por todas as pessoas, em todas as épocas e em todas as situações. Daí as divergências entre a GT e a Lingüística. Esta, ao contrário, reconhece a existência de formas lingüísticas variáveis, sem analisá-las quanto à correção ou não. Preocupa-se com a constatação de variações que constituem a realidade da língua.

Em palavras como *suor, dieta, criança e glória*, por exemplo, os encontros vocálicos existentes são ditongos crescentes? São hiatos? Ou podem ser tanto um quanto o outro? Como os gramáticos tradicionais e os lingüistas abordam esse tema?

Para alguns gramáticos, esses encontros vocálicos são hiatos; outros, preferencialmente, os consideram ditongos crescentes. E há os que admitem variação livre entre ditongos crescentes e hiatos, ou seja, acreditam que os encontros podem ser classificados quer como hiatos, quer como ditongos, conforme a pronúncia predominante. Dentre esses, podemos mencionar Cegalla (2005) e Bechara (2003). Porém, há autores, como alguns lingüistas, que põem em dúvida a existência de ditongos crescentes, considerando apenas os ditongos decrescentes como verdadeiros, como é o caso de Câmara Júnior (2000), Bisol (1989), entre outros. Essas considerações comprovam a complexidade do problema, originando dúvidas, insegurança, naqueles que se deparam com esse tema, tanto em situação de ensino-aprendizagem como em concursos. Afinal, diante desses diferentes posicionamentos, como abordá-lo?

Por se tratar de fenômeno cuja classificação está ligada ao modo como as vogais são articuladas, à constituição da sílaba, proponho a hipótese de que encontros vocálicos, mais precisamente ditongos crescentes ou hiatos, existem em variação livre, ou seja, sua classificação depende da forma como são pronunciados, considerando-se as variações de pronúncia existentes, não havendo, portanto, uma classificação única, definitiva. Havendo variação na articulação das vogais, conseqüentemente, haverá variação na classificação desses encontros vocálicos como ditongos crescentes ou hiatos.

Tendo em vista o problema que se apresenta, este estudo bibliográfico propõe-se, através das abordagens na perspectiva tradicional e na perspectiva fonológica, à luz da ciência lingüística, tornar mais clara a classificação dos encontros vocálicos em ditongos crescentes ou hiatos.

Com relação à perspectiva tradicional, foram analisadas as quatro gramáticas mais utilizadas como referências bibliográficas em língua portuguesa, no ensino fundamental e médio: Rocha Lima (1976), Cunha e Cintra (1985), Bechara (2003) e Cegalla (2005). Na perspectiva fonológica, foram estudadas as propostas em relação aos ditongos sob a visão de autores com produção científica sobre o tema, como Câmara Júnior (1981, 2000), Silva (1999), Callou e Leite (2005) e Bisol (1989).

Considerando a complexidade que envolve a classificação de encontros vocálicos em ditongos crescentes ou hiatos, faz-se necessário o aprofundamento desse tema, de modo que se possa dispor de informações que possibilitem o entendimento desse problema, através da visão da GT e da Lingüística. Assim, este trabalho tem como objetivo principal buscar uma melhor compreensão acerca da classificação dos encontros vocálicos em ditongos crescentes e hiatos, através de abordagens na perspectiva tradicional e na perspectiva

fonológica, a partir da hipótese de que há uma variação livre, permitindo que sejam ora classificados como ditongos crescentes ora como hiatos.

1. Revisão de Literatura - Para Amaral (2005), tradicionalmente, os gramáticos conceituam *ditongo* como um encontro vocálico formado por uma vogal e uma semivogal ([j] ou [w]) na mesma sílaba, em que a vogal é o núcleo e a semivogal pode vir antes ou depois da vogal, constituindo respectivamente o chamado ditongo crescente (ex.: *pátio*) ou decrescente (ex.: *coisa*).

Quanto ao aspecto fonético, *ditongo* é termo usado na classificação fonética dos sons vocálicos com base em seu modo de articulação: existe uma mudança perceptível na qualidade da vogal durante a produção da sílaba, como em *caixa*, *seu*, *noiva*. As seqüências de vogais, cuja qualidade se altera, são conhecidas como ditongos (ou tritongos).

Fonologicamente, *ditongo* é um grupo de dois fonemas vocálicos na mesma sílaba. Constitui-se da base ou vogal silábica, e de uma vogal auxiliar assilábica, que precede a base, na parte crescente da sílaba (ditongo crescente) ou se segue à base, na parte decrescente da sílaba (ditongo decrescente). O conceito de ditongo está essencialmente ligado ao de sonoridade, pois uma vogal base é, em geral, mais sonora que as outras. Este tipo de ditongo – o fonológico – caracteriza-se pela oposição com vogal simples (ex.: *lei* /lei/ - /le/).

Tradicionalmente, *hiato* é o encontro de duas vogais em sílabas diferentes (ex.: *saída*, *melancia*). No aspecto fonético-fonológico, hiato é articulação de duas vogais em seqüência, cada uma ocorrendo em uma sílaba distinta e apresentando qualidade vocálica específica.

Após terem sido conceituados os *ditongos* e *hiatos*, passamos a rever algumas considerações de gramáticos tradicionais sobre esse tópico, detendo-nos, principalmente, nos ditongos crescentes e os hiatos, tema específico deste estudo.

No entendimento tradicional de Rocha Lima (1976), os ditongos decrescentes são os verdadeiros por serem estáveis. Também são estáveis, segundo ele, os ditongos crescentes que tiverem a semivogal [w] precedida de [k] ou [g] (ex.: *quase*; *igual*). Como instáveis, cita dois tipos: os encontros *ia*, *ie*, *io*, *ua*, *ue*, *uo* átonos e finais (ex.: *ausência*, *série*, *pátio*, *árdua*, *tênue*, *vácuo*) e os encontros de “i” ou “u” átonos não-finais, com a vogal seguinte tônica ou átona (ex.: *fiel*, *suor*, *crueldade*). Estes (os instáveis), condicionados a fatores regionais, sociais e culturais, apresentam certa flutuação de pronúncia, sendo realizados ora como ditongos crescentes, ora como hiatos. Os do primeiro tipo, segundo o autor, tendem a realizar-se como ditongo crescente; os do segundo, como a seqüência de duas vogais, ou seja, como hiato.

Posição semelhante à de Rocha Lima apresentam Cunha e Cintra (1985) ao classificarem os ditongos em crescentes e decrescentes. Consideram apenas os decrescentes como estáveis, mas não se manifestam quanto a serem verdadeiros ou não. Estes autores destacam que os crescentes são encontros instáveis na linguagem coloquial normal, exceto os que têm a semivogal [w] precedida de [k] ou de [g], por exemplo em *quase* e *igual*. Esses mantêm estabilidade, ou seja, não apresentam variação de pronúncia. Com relação aos encontros vocálicos átonos finais *ia*, *ie*, *io*, *ua*, *ue*, *uo*, *oa*, Cunha e Cintra dizem ser normalmente emitidos como ditongos crescentes, podendo, no entanto, ser emitidos como duas vogais formando um hiato.

Sob dois aspectos, Cegalla (2005) parece diferenciar-se de Rocha Lima e Cunha e Cintra. Primeiramente, ao tratar dos encontros vocálicos, não se refere aos ditongos decrescentes e crescentes, *sob o aspecto da escrita*, o que exige se faça uma observação a respeito: a utilização desse critério não está adequada à Fonética e também à Fonologia, embora a ortografia tenha sua motivação fundamental na fonologia da língua. Isso gera algumas diferenças de classificação, comparando-se com os outros gramáticos em estudo. Segundo o autor, são treze os ditongos crescentes:

- | | | |
|----------------------------------|-------------------------------------|--|
| (1) ea: <i>área</i> | io: <i>lírío</i> , <i>curioso</i> ; | ue: <i>tênue</i> , <i>eqüestre</i> |
| eo: <i>róseo</i> | oa: <i>mágoa</i> | uê: <i>agüentar</i> , <i>freqüente</i> |
| ia: <i>várias</i> | ua: <i>água</i> , <i>quadra</i> | ui: <i>tranqüilo</i> |
| ie: <i>quieto</i> , <i>série</i> | uã: <i>quando</i> | uî: <i>pingüim</i> |
| uo: <i>aquoso</i> , <i>vácuo</i> | | |

Após a caracterização e exemplificação desses ditongos, observa Cegalla que, de acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), os encontros *ia*, *ie*, *io*, *ua*, *ue*, *uo*, quando finais e átonos, podem ser considerados quer como ditongos crescentes quer como hiatos, uma vez que ambas as pronúncias existem na língua portuguesa: his-tó-ria / his-tó-ri-a; sé-rie / sé-ri-e; pá-tio / pá-ti-o; ár-dua / ár-du-a; tê-nue / tê-nu-e; vácuo / vá-cu-o. Essa posição é compartilhada também por Rocha Lima e Cunha e Cintra, como se viu anteriormente. Porém, para Cegalla, devem ser considerados, preferencialmente, ditongos crescentes.

Cabe ressaltar que com relação aos encontros *ea*, *eo*, *oa*, após tê-los citado como ditongos crescentes, Cegalla diz ser discutível, na *pronúncia* do português brasileiro, a existência de ditongo crescente em palavras como *área*, *róseo* e *mágoa*. Como argumento, menciona a intensidade na pronúncia do primeiro fonema do encontro vocálico, aproximando-o mais de vogal que semivogal. Assim, entende esses encontros instáveis, *preferencialmente* como hiatos. Nesse aspecto, é importante ressaltar que o autor afasta-se dos posicionamentos

dos outros autores já referidos, os quais não fazem qualquer observação a respeito dessa questão. Cabe ressaltar que Cunha e Cintra inserem o encontro *oa* na relação dos encontros vocálicos finais átonos, entendendo-o mais como ditongo crescente que hiato.

Ainda sob a forma de observação, Cegalla posiciona-se quanto aos encontros vocálicos existentes em palavras como *quiabo*, *piada*, *cordial*, *miolo*, *poeta*, *coelho*, *moinho*, *miudeza*, etc., classificando-os como “verdadeiramente” hiatos, embora admita que há quem os classifique como ditongos crescentes.

Para Bechara (2003), na edição revista e ampliada de sua gramática, há também ditongos crescentes e decrescentes. Segundo ele, os principais ditongos crescentes são:

(2) /ya/: glória, diabo, área	/yô/: piolho	/wê/: coelho
/ye/: (=yi): cárie	/yu/: miúdo	/wé/: eqüestre, goela
/yé/: dieta	/wa/: água, quase, mágoa	/yã/: criança
/yo/: médio, aéreo	/wi/: tênue, lingüiça	/wã/: quando
/yó/: mandioca	/wó/: quüiproquó	/wo/ (=uu): oblíquo
/wê/: freqüente, depoente	/wĩ/: argüindo, moinho	

Observa, porém, Bechara, que “em muitos destes casos [não especifica quais], pode ser discutível a existência de ditongos crescentes” (2003: 67). Essa afirmação se justificaria “por ser indecisa e variável a sonoridade que se dá ao primeiro fonema. Certo é que tais ditongos se observam mais facilmente na hodierna pronúncia lusitana do que na brasileira, em que a vogal (=semivogal), embora fraca, costuma conservar sonoridade bastante sensível” (SAID ALI apud BECHARA, 2003: 67).

É importante observar a afirmação de Bechara (2003: 68) que “em português, como em muitas outras línguas, nota-se uma tendência para evitar o hiato, através da ditongação ou da crase”.

Ainda com referência à questão desses ditongos crescentes, observa o autor que:

Os encontros *ia*, *ie*, *io*, *ua*, *ue*, *uo* finais, átonos, seguidos, ou não de *s*, classificam-se quer como ditongos, quer como hiatos, uma vez que ambas as emissões existem no domínio da Língua Portuguesa: *histó-ri-a* e *histó-ria*; *sé-ri-e* e *sé-rie*; *pá-ti-o* e *pá-tio*; *ár-du-a* e *ár-dua*; *té-nu-e* (sic) e *tê-nu-e*; *vá-cu-o* e *vá-cuo* (NGB apud BECHARA 2003: 69).

Feitas essas considerações teóricas na perspectiva da gramática tradicional, passaremos a apresentar a perspectiva fonológica, com base em visão advinda da ciência lingüística, no intuito de verificar em que pontos há concordâncias ou discordâncias entre os gramáticos tradicionais e lingüistas.

Câmara Júnior, lingüista brasileiro, questiona “se realmente há ditongos em nossa língua [...] se fonemicamente a seqüência, considerada em regra ditongo, não pode ser interpretada sempre como ‘hiato’, ou seja, duas vogais silábicas contíguas” (2000: 55). Com base no dialeto do Rio de Janeiro, esse autor passa a aceitar a existência de ditongos, em português, “mas só quando um dos elementos vocálicos é tônico (dois elementos vocálicos átonos criam variação livre) [...]” (2000: 56). Portanto, para o autor, somente são verdadeiros os ditongos decrescentes (num total de onze) e um bastante restrito, crescente (a vogal assilábica /u/ depois de posiva labial /k, g/ diante de vogal silábica), como em *qual*.

Em obra posterior, Câmara Júnior (1981), ao estudar a estrutura da sílaba, mais especificamente sua delimitação, defende que, de maneira geral, a fronteira silábica é bastante nítida. Porém, em três contextos, onde há a presença de grupos de vogais, em que a primeira ou segunda vogal é uma vogal alta (/i/ ou /u/) átona, ocorre variação na fronteira silábica e, conseqüentemente, há variação livre entre ditongo crescente e hiato, sem qualquer oposição distintiva. É o caso de /i/ ou /u/ precedido ou seguido de outra vogal átona (ex.: *vaidade*, *ansiedade*); /i/ ou /u/ seguido de outra vogal, mas tônica (ex.: *suar*, *fiel*, *miolo*) e /i/ ou /u/ seguido de outra vogal átona em posição final (ex.: *glória*, *óleo*, *fátuo*). Como se pode observar, sob o ponto de vista fonético, há variação livre entre ditongo crescente e hiato. Fonologicamente, a fronteira silábica é variável, sem qualquer oposição distintiva.

Ao posicionar-se sobre ditongos e hiatos, Silva (1999) registra a existência tanto de ditongos crescentes quanto de ditongos decrescentes. Segundo a autora, com relação aos ditongos crescentes, pode ocorrer variação de pronúncia quando estes forem postônicos (ex.: *séria*, *cárie*, *aéreo*, *árdua*), pelo fato de haver variação das vogais postônicas finais (que seguem o glide). Referindo-se aos ditongos crescentes pretônicos, Silva afirma que a seqüência “[Io] sempre ocorre em formas com o infixo ‘-ion’ [estacionamento]. Falantes do português apresentam **obrigatoriamente** um ditongo crescente pretônico nestes casos (nacionalista, opcional, sensacional, etc.)” (1999: 96) [grifo nosso]. Já com relação a outras formas (sem a presença do infixo -ion-), afirma que pode haver variação de pronúncia. Tomando como exemplo a forma “*gracioso*”, a preferência pela seqüência glide-vogal ou pela seqüência de vogais, conforme Silva, “parece se dar por questões dialetais e aspectos relacionados a estilos de fala” (1999: 96). Enquanto o português europeu, por exemplo, privilegia a seqüência glide-vogal – [Io] – vários dialetos do português brasileiro privilegiam a seqüência de vogais – [io]. Já no estilo de fala informal, segundo a autora, a seqüência glide-vogal ocorre mais freqüentemente. Destaca, ainda a autora, que nos casos em que há alternância entre glide e vogal – como em “*gracioso*” [Io] ~ [io] – qualquer vogal pode

preceder o glide (ex.: *tietê*, *gabriela*, *pianista*, *gracioso*, *biunívoca*); em casos em que ocorre ditongo crescente pretônico, “obrigatório”, de acordo com Silva, a vogal que precede o glide é sempre [o].

Callou e Leite (2005), referindo-se superficialmente aos ditongos, nesta obra de iniciação aos estudos fonológicos, dão maior destaque aos tradicionalmente considerados ditongos decrescentes, enumerando-os. Com relação aos chamados ditongos crescentes, dizem ser mais “instáveis” e menos frequentes na língua portuguesa, posicionando esse que vem somar-se ao de Rocha Lima (1976). Porém, a afirmação das autoras que os ditongos ditos crescentes vêm sempre precedidos de [k] ou [g]: *qual*, *igual*, *frequente*, *ungüento*, *agüentar*, etc., não coincide, quer-me parecer, com sua manifestação referida acima, de que os ditongos crescentes são instáveis. No momento em que as autoras identificam como ditongos crescentes apenas aqueles precedidos por [k] ou [g], passa a ser impropriedade a atribuição, a essas seqüências de segmentos, de instabilidade. No meu entendimento, esse tipo de ditongo parece não apresentar instabilidade, uma vez que parece ser improvável a variação de pronúncia nesses encontros vocálicos. Assim, entendo uma afirmação um pouco contraditória. Em relação aos encontros vocálicos /ia/ - água; /ua/ - luar, água; /ie/ - fiel, série; /ea/ - leal; /ue/ - ténue, admitem a variação, na pronúncia, como ditongo crescente ou hiato.

Visão diferente sobre o tema tem Bisol (1989). Em seu estudo sobre a estrutura interna da sílaba, distingue, no português, duas classes de ditongos: o ditongo fonológico e o ditongo fonético. O primeiro, considerado o verdadeiro ditongo, não possibilita variação (ex.: *pauta*), formando pares mínimos com a vogal simples (ex.: *laudo* /*laudo*/ - /*lado*/); está representado na estrutura subjacente por duas vogais que, associadas a duas posições na linha do esqueleto prosódico, formam ditongos que tendem a ser preservados; o segundo, o falso ditongo, ora se manifesta, ora não (ex.: *peixe* ~ *pexe*; *caixa* ~ *caxa*); possui, na estrutura subjacente, apenas uma vogal, formando-se o glide em nível mais próximo da superfície.

Assim, com base nesse posicionamento, depreende-se que Bisol não considera a existência, em português, dos tradicionalmente ditos ditongos crescentes: posição semelhante à de Câmara Júnior (2000). Para a autora, os ditongos crescentes, por alternarem com hiato na forma fonética, na representação subjacente têm de apresentar duas vogais. Com relação aos ditongos fonéticos, que se alternam com vogais simples, afirma, ainda, Bisol, que “são estruturas derivadas. Eles são vogais simples na forma básica, rimas de diferentes sílabas” (1989: 217). Defende a idéia de que a seqüência glide-vogal é o resultado de uma ressilabificação, por isso, não faz parte do inventário fonológico do português. A principal razão de não considerar a existência desse tipo de encontro vocálico deve-se ao fato de a seqüência glide-vogal estar normalmente em variação livre com a vogal alta correspondente: *quiabo* [*ki'abu* ~ *'kyabu*]; *iate* [*i'atsi* ~ *'yatsi*]; *suar* [*su'ar* ~ *'swar*]. No entanto, há um tipo de ditongo crescente que não alterna com hiato. Trata-se de *kw/gw*, seguido de a/o: *qual* [*'kwaw*] *[*ku'aw*], por exemplo. São chamados, então, falsos ditongos crescentes, pois, segundo Bisol (1989), a consoante velar [k/g] e o glide (semivogal) posterior constituem uma só unidade fonológica, forma remanescente do latim exibindo o glide no *onset*. Com base nos pressupostos da Fonologia Autossegmental, seguindo-se Clements & Hume (1995), os segmentos [k^w] e [g^w] categorizam-se como ‘segmentos complexos’, com uma articulação primária consonantal e uma articulação secundária vocálica.

Feitas essas considerações basilares, passamos à discussão dos resultados.

2. Discussão - O resultado da análise das abordagens da GT parece evidenciar que os quatro gramáticos concordam em um ponto: o de que há encontros vocálicos estáveis e encontros vocálicos instáveis.

Como estáveis, temos os ditongos decrescentes e os ditongos crescentes com a semivogal [w] precedida de [k] ou [g]. Os instáveis são os encontros *ia*, *ie*, *io*, *ua*, *ue*, *uo* finais e átonos e os encontros de “i” ou “u” átonos, não-finais (ex.: *ansiedade*, *fiel*) que apresentam variação na fala ora como hiatos, ora como ditongos crescentes, classificação preferencial para os gramáticos tradicionais.

Convém ressaltar que, um tanto quanto equivocadamente, Cegalla (2005), diferentemente dos outros gramáticos analisados, considera a classificação dos encontros vocálicos em ditongos crescentes e decrescentes “sob o aspecto da escrita”, como foi assinalado anteriormente, procedimento esse inadequado ao estudo desse tema em virtude da necessária relação que tem com fatos fonéticos e fonológicos da língua. Considerando-se que encontros vocálicos dizem respeito à sonoridade das vogais, devem ser estudados com critérios fonéticos e não quanto à escrita.

Prova desse equívoco é o fato de esse autor apresentar como ditongos crescentes distintos *ea* e *ia* (*área*, *ária*), *eo* e *io* (*gêmeo*, *gênio*), *oa* e *ua* (*mágoa*, *água*), cuja realização fonética é [ya], [yo] e [wa] para ambos, respectivamente, conforme registrado em (1). Preferencialmente, Cegalla aceita, “sob o aspecto da escrita”, os encontros *ia*, *io* e *ua* finais e átonos como ditongos crescentes. Todavia, mais adiante, se posiciona a favor de *ea*, *eo* e *oa* como hiatos, porém com base em critério diferente: não mais segundo o aspecto da escrita e sim considerando a *pronúncia brasileira*. Se, preferencialmente, admite os encontros *ia*, *io*, *ua* finais e átonos como ditongos crescentes, por que se manifesta favorável a *ea*, *eo*, *oa* como hiatos, embora tenham a mesma realização fonética daqueles? Eis uma questão que não está explicada pelo autor.

Quanto aos encontros vocálicos *ia*, *io*, *oe*, *oi*, *iu*, *ua* (ex.: *piada*, *viandante*, *miolo*, *cordial*, *coelho*, *moinho*, *miudeza*, *luar*), Cegalla afirma serem “verdadeiramente” hiatos.

Parece ser contrária, em parte, a posição de Bechara (2003), para quem palavras como *coelho*, *moinho*, *diabo*, *piolho*, *miúdo*, *criança*, nomeadas em (2), são primeiramente apresentadas como ditongos crescentes. Observa, porém, posteriormente, que a classificação de alguns desses ditongos é discutível e que sua ocorrência é mais evidente no português lusitano, enquanto na pronúncia brasileira tendem ao hiato.

É necessário salientar que essa classificação inicial de Bechara é um tanto diferente dos outros gramáticos estudados. Enquanto estes parecem classificar os encontros vocálicos, principalmente com relação à variação brasileira, aquele apresenta, inicialmente, a classificação de acordo com a variação lusitana, o que se fica sabendo apenas pela observação feita após. Esse procedimento divergente implica classificações equivocadas dos ditongos crescentes e hiatos, considerando-se o nosso contexto de português do Brasil.

Um outro aspecto que evidencia a instabilidade e indefinição das posições de Bechara, quanto ao tema estudado, é a afirmação de que se nota uma tendência à ditongação em português. Sendo assim, por que mencionou que no português brasileiro há ocorrência maior de hiatos? Esse é um ponto que considero contraditório na argumentação do gramático.

Registradas as coerências e incoerências acerca de alguns pontos na visão tradicional dos encontros vocálicos, vejamos, resumidamente, o que pensam alguns dos lingüistas sobre ditongos crescentes e hiatos.

Diferentemente dos gramáticos tradicionais, exceto de Rocha Lima (1976), lingüistas como Câmara Júnior (1981, 2000) e Bisol (1989) consideram apenas a existência dos ditongos decrescentes. Argumentam que os ditongos crescentes existem em variação livre com os hiatos. Essa variabilidade, portanto, os descaracteriza como ditongos crescentes.

De outra forma é o entendimento de Silva (1999). A autora, embora seja lingüista, ainda aborda a questão dos ditongos segundo a nomenclatura tradicional, admitindo a existência de variação de pronúncia nos ditongos crescentes pretônicos e postônicos.

Para Callou e Leite (2005), em concordância com Câmara Júnior, apenas os ditongos precedidos de [k] ou [g] são crescentes. Cabe lembrar que Bisol (1989) chama esses ditongos de falsos ditongos. Outras seqüências de vogais (ia, ua, ie, ea, ue) admitem variação de pronúncia.

Cabe registrar que os lingüistas são mais convergentes quanto à questão dos ditongos crescentes e hiatos que os gramáticos tradicionais. Estes tecem considerações, muitas vezes, contraditórias, geradoras de posições confusas quanto à identificação de hiatos e ditongos crescentes. Ao contrário, os lingüistas se voltam ao estudo desse tema como deve ser feito, ou seja, com base na realidade das variações fonéticas existentes, não desconsiderando o funcionamento da fonologia da língua. Daí a importância do estudo da fonologia, imprescindível no ensino de línguas, particularmente de temas vinculados a situações que impliquem variações lingüísticas.

Concluindo, após o estudo comparativo realizado com relação à classificação de encontros vocálicos em ditongos crescentes ou hiatos, podemos afirmar que se deve considerar a evidência de abordagens distintas, do mesmo tema, entre a GT e a Lingüística.

Na perspectiva da GT, percebemos que os autores apresentam diferenças de classificação, adotando, algumas vezes, critérios diferentes. Mas apesar disso, podemos generalizar que, no português do Brasil, em decorrência da variação na fronteira silábica, há variação livre entre ditongo crescente e hiato:

a) nos encontros vocálicos não-finais em que a primeira vogal é /i/ ou /u/ átono, seguida de vogal átona (*variedade*, *crueldade*, *anuidade*);

b) nos encontros vocálicos não-finais em que a primeira vogal é /i/ ou /u/ átono, seguida de vogal tônica (*suor*, *fiel*, *dieta*, *criança*, *miolo*);

c) nos encontros vocálicos finais em que a primeira vogal é /i/ ou /u/ átono, seguida de vogal átona (*glória*, *óleo*, *nódoa*, *tábua*).

Convém ressaltar o entendimento diferente da Lingüística, quanto ao tema: na perspectiva fonológica, mais especificamente para Câmara Júnior (1981, 2000) e Bisol (1989), o português não possui ditongos crescentes, apenas ditongos decrescentes – os verdadeiros ditongos.

Então, voltando à questão norteadora deste trabalho, em palavras como *suor*, *dieta*, *criança* e *glória* há ditongos crescentes ou hiatos? Considerando os dois posicionamentos – GT e Lingüística – constatamos, por meio deste estudo, que a seqüência vocálica é realizada ora como ditongo crescente, ora como hiato. Portanto, ambas as possibilidades existem. Classificá-la como ditongo crescente ou hiato vai depender da variante lingüística em que é considerada. A pronúncia é livre, logo a classificação também o é. É fato comprovado, cientificamente, que a variação lingüística existe. Portanto, não podemos ignorá-la na abordagem dos conteúdos de língua portuguesa, neste caso do Brasil, principalmente com relação àqueles essencialmente ligados à oralidade, como é o caso dos encontros vocálicos.

Assim, com este estudo, espero ter contribuído com os colegas, professores de língua portuguesa, para melhor compreensão desse tema – a classificação dos encontros vocálicos em hiato ou ditongo crescente – na visão da GT, e também do fato da inexistência de ditongos crescentes para a Fonologia.

RESUMO: Este artigo aborda o problema da classificação dos encontros vocálicos como ditongos crescentes ou hiatos na perspectiva tradicional e na perspectiva da teoria fonológica. A teoria lingüística não considera a existência de ditongos crescentes na fonologia do PB. A gramática tradicional segue critérios diferentes na sua categorização, mas admite variação entre essas seqüências vocálicas.

PALAVRAS-CHAVE: ditongo crescente; hiato; variação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Marisa Porto do. Ditongos variáveis no sul do Brasil. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 101-116, set. 2005.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- BISOL, Leda. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. *D.E.L.T.A*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 185-224, ago.1989.
- _____. Ditongos Derivados. *D.E.L.T.A*, São Paulo, v. 10, n. especial, p.123-140, 1994.
- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. *Iniciação à fonética e à fonologia*. 10. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *Problemas de lingüística descritiva*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1981.
- _____. *Estrutura da língua portuguesa*. 32. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 46. ed. São Paulo: Nacional, 2005.
- CLEMENTS, George N.; HUME, Elizabeth V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, John (ed.). *The handbook of Phonological Theory*. London: Blackwell, 1995.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 18. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1976.
- SILVA, Thaís Cristóforo. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1999.